

ESTUDO DAS CONCEPTUALIZAÇÕES E CATEGORIZAÇÕES DE MORTE EM “O QUARTO FECHADO”, DE LYA LUFT

Urandi Rosa Novais (CODAP-UFS)
urnovais@academico.ufs.br

RESUMO

O trabalho empreendido teve como objetivo investigar como a morte é conceptualizada e categorizada no romance “O quarto fechado”, de Lya Luft, mapeando, a partir da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980; Lakoff; Turner, 1989), a visão multiníveis da metáfora (Kövecses, 2017; 2020) e como os elementos sociais, históricos e culturais estão envolvidos nesse processo de significação da morte. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando as técnicas bibliográfica e documental. O corpus foi constituído a partir das expressões linguísticas coletadas no romance estudado e reguladas a partir da Técnica da Saturação Teórica aplicada à pesquisa em Semântica Cognitiva. Os resultados apontaram diferentes metáforas conceptuais como, por exemplo, MORTE É ORGANISMO VIVO, MORTE É FIM entre outras, demonstrando as diversas maneiras como o ser humano conceptualiza a sua finitude.

Palavras-chave:

Conceptualização. Morte. Metáfora Conceptual.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how death is conceptualized and categorized in Lya Luft's novel “The closed room”, based on Conceptual Metaphor Theory (Lakoff; Johnson, 1980; Lakoff; Turner, 1989), the multilevel view of metaphor and how social, historical, and cultural elements are involved in this process of assigning meaning to death. The research adopted a qualitative approach, using bibliographic and documentary techniques. The corpus was constituted from linguistic expressions collected in the novel and regulated using the Theoretical Saturation Technique applied to Cognitive Semantics research. The results pointed to different conceptual metaphors such as, for example, DEATH IS A LIVING ORGANISM, DEATH IS THE END, among others, demonstrating the different ways in which human beings conceptualize their finitude.

Keywords:

Conceptualization. Death. Conceptual Metaphor.

1. Introdução

A morte tem sido analisada por diversas áreas do saber ao longo do tempo. Historicamente, ela já foi amplamente discutida em textos e doutrinas religiosas. Na perspectiva cristã, é interpretada como uma punição à humanidade pela desobediência do homem, ao desafiar Deus e comer o fruto da árvore do bem e do mal (Bíblia, 1991). Contudo, com a ressurreição de Cristo, a morte passa a ser entendida como algo superado, tornando-se um incentivo para que os fiéis sigam os mandamentos divinos em busca da vida eter-

na. Já nas religiões de matriz africana, como o Candomblé, “[...] a morte em si não é o fim, mas um momento de vivo contentamento, pois é o momento de encontro da pessoa com seus ancestrais” (Bandeira, 2010, p. 46). A filosofia e a arte também buscam compreender o processo que finaliza a vida humana.

Existem múltiplas formas de compreender a morte e, por isso, as metáforas associadas a ela têm grande relevância. Nos estudos de Lakoff e Johnson (1980) e, especialmente, de Lakoff e Turner (1989), essas metáforas são amplamente exploradas. Os autores destacam exemplos como A MORTE É UMA VIAGEM e A MORTE É UMA PARTIDA, evidenciando como essas construções metafóricas estão profundamente inseridas em nosso cotidiano e são utilizadas para interpretar e expressar o sentido da morte.

Conforme Lakoff e Turner (1989) a metáfora é parte essencial da nossa linguagem e do nosso pensamento cotidiano. Isso se deve ao fato de constantemente estarmos utilizando-a para a compreensão ou explicação de um conceito, por exemplo. Ademais, desde os estudos seminais da Linguística Cognitiva, a exemplo de Lakoff e Johnson (1980), aos mais recentes consideram a metáfora conceptual como uma importante ferramenta para compreendermos o mundo e a nós mesmos.

Desse modo, a escolha em nos debruçarmos sobre o texto literário se deu pelo fato de ele apresentar, em sua composição, metáforas conceptuais. Estas nos permitem investigar aspectos cognitivos, culturais, históricos e sociais, elementos essenciais à compreensão do fenômeno da conceptualização. Assim nosso estudo teve por objetivo investigar como a morte é conceptualizada em textos literários e quais aspectos históricos, cognitivos, sociais e culturais estão presentes nesse processo de significação. O estudo é de caráter qualitativo e o nosso corpus de investigação foi composto de expressões linguísticas extraídas do romance *O quarto fechado*, de Lya Luft.

Dito isso, este artigo se apresenta da seguinte forma: a *introdução*, parte em que apresentamos a temática desse estudo empreendido; a seção *Categorização, metáfora conceptual e seus níveis esquemáticos* traça os caminhos teóricos abordados no desenvolvimento do trabalho; a seção de *metodologia* apresenta os métodos e técnicas de coleta de dados e estudo dos resultados encontrados; as *considerações finais* onde discutimos o fechamento das ideias que impulsionaram a nossa investigação acerca da conceptualização da morte, seguida das referências bibliográficas, com as obras consultadas no decorrer da pesquisa aqui realizada.

2. *Categorização, metáfora conceptual e seus níveis esquemáticos*

A categorização é uma habilidade humana relacionada à nossa capacidade de estabelecer se um determinado item pertence ou não a uma determinada categoria. Categorizar é um dos importantes objetos de pesquisa da Linguística Cognitiva, especialmente, da Semântica Cognitiva, pois também é um mecanismo de conceptualização, sendo que, ao categorizar, estamos conceptualizando, ou seja, atribuindo sentido a algo (Teixeira, 2020).

Há diversos estudos, em Linguística Cognitiva, que buscam a compreensão da significação através da categorização. Exemplo disso é a obra, *Categorização em Linguística Cognitiva: organizando conhecimentos*, organizada por Almeida (2022) que reúne estudos sob diferentes abordagens teóricas e metodológicas acerca da categorização. Desse modo, ao estudarmos esse mecanismo do processo de significação, buscamos “compreender as interconexões entre diferentes elementos que, simbioticamente, se ligam para a criação das variadas categorias, bem como procura entender a realização da categorização na ecologia da vida humana” (Almeida, 2022. P. 120).

Assim, ao estabelecermos os significados de um determinado conceito, podemos seguir um modelo de categorização, elencando condições necessárias suficientes como no caso da categorização clássica em que determinado elemento faria parte de uma certa categoria se apresentasse todas as características da referida categoria; ou, numa visão mais atualizada, por efeitos de prototipicidade, quando um elemento não precisa possuir todas as características de determinada categoria e, dessa forma, teremos elementos mais prototípicos ou mais periféricos dentro de uma mesma categoria. Isso se deve ao fato de o fenômeno da categorização ter passado de um “processo cognitivo individual a um processo cultural e social de construção da realidade, que organiza conceitos, parcialmente baseado na psicologia do pensamento” (Lima, 2010, p. 109).

O ato de categorizar envolve diversos aspectos: sociais, históricos, cognitivos, culturais, políticos e ideológicos. Ademais, as estruturas categoriais, atualmente, não são rígidas e imutáveis. Elas são elásticas, ou seja, determinado conceito pode ser categorizado de uma determinada maneira, em certo contexto e, com o passar do tempo, receber uma nova categoria. Pois, o ato de categorizar, como já afirmado, envolve aspectos históricos e culturais, por exemplo, e a cultura e a história mudam, com o passar do tempo, influenciando na forma como determinados conceitos são categorizados.

No que concerne à nossa habilidade de categorização, ou seja, nossa capacidade de armazenamento de conhecimentos adquiridos e construídos ao longo do tempo, Lakoff (1987) afirma que isso se dá através de estruturas chamadas de Modelos Cognitivos Idealizados que são um todo estruturado,

uma *gestalt* que articula quatro princípios estruturantes, dentre eles os frames, os esquemas de imagem, as metáforas e as metonímias. Nesse estudo, abordamos três desses princípios estruturantes que são a metáfora, os esquemas de imagem e os frames.

A metáfora conceptual é um mecanismo cognitivo pelo qual compreendemos e experienciamos um domínio em termos de outro. O domínio que estamos conceptualizando chama-se domínio-alvo; o domínio que acesamos para compreender o outro se chama domínio-fonte. Para ilustrar, pensemos, por exemplo na metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA (Lakoff; Jonhson, 1980).

Figura1: Mapeamento dos domínios em uma Metáfora Conceptual.



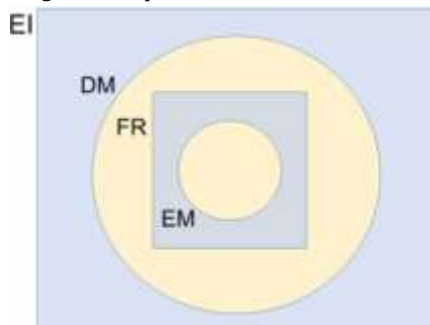
Fonte: Elaboração nossa.

Com base na figura acima é possível perceber que mapeamos determinados aspectos do domínio-fonte para a compreensão do domínio-alvo. Esse mapeamento é necessário e revela sobre a nossa experiência histórica, cognitiva e cultural do domínio-fonte que será acionado para significar o domínio-alvo. Isso se deve ao fato de a motivação metafórica se dá através de processos de experiência corporificada. Pois a hipótese da corporificação do significado é uma das principais ideias da Linguística/Semântica Cognitiva.

Para melhor compreender os mecanismos que envolvem a metáfora conceptual, Kövecses (2020, 2017) apresentou a Teoria da visão multiníveis da metáfora conceptual. Para o referido estudioso, ocorre, em uma metáfora conceptual a articulação simultânea entre diferentes estruturas conceptuais ou unidades cognitivas, estas podem ser reconhecidas em diferentes níveis de esquematicidade. Kövecses (2020) elenca 4 níveis esquemáticos em uma metáfora conceptual: os esquemas de imagem (EI), o domínio matriz (DM) (o mesmo que domínio-fonte), os frames (FR) e os espaços mentais (EM). Este último nível esquemático está relacionado à instanciação da metáfora conceptual, isto é, ao nível em que ela se manifesta nas expressões linguísticas e no contexto discursivo em que os textos estudados estão inseridos.

Além de abordar a questão da esquematicidade entre os níveis hierárquicos presentes na estrutura conceitual da metáfora, Kövecses (2017; 2020) afirma que a visão multinível da metáfora traz a esquematicidade como um processo de inclusão; este se articula à maneira como o nosso conhecimento está organizado, considerando os níveis superordenado e mais esquemático até o nível subordinado e menos esquemático, conforme a figura abaixo.

Figura 2: Esquematicidade como inclusão.



Fonte: Kövecses, 2020.

Apresentados os esquemas de hierarquia, conceituamos de forma resumida as definições e funcionalidades de cada um dos níveis esquemáticos que envolvem a metáfora conceitual. Os EIs que são estruturas essencialmente pré-conceptuais e estão diretamente relacionados às nossas experiências sensório-motoras, contribuindo efetivamente para a nossa experiência com o significado (Kövecses, 2020; 2017; Johnson, 1987; Lakoff, 1987).

Kövecses (2017; 2020), ao evocar o domínio matriz enquanto um dos níveis de esquematicidade do processamento metafórico, afirma ser o domínio um conjunto de conhecimentos que são acionados no momento da conceptualização. Já os FRs possuem dimensões esquemáticas, conceptuais básicas e socioculturais, ou seja, eles fazem um enquadramento de um determinado aspecto do DM. Assim é possível diferenciar o DM do FR da seguinte forma: “enquanto o Domínio Matriz é mais amplo e geral, abrangendo diversos Frames; o Frame é mais específico e foca em determinadas características e especificidades de um determinado DM” (Novais, 2023, p. 66).

A partir do momento em que esses frames são evocados em situações reais de uso, ou seja, nas práticas de linguagem sejam elas mono ou multimodais, dando um caráter particular a essas situações comunicativas, é estabelecido outro nível do processamento metafórico: o nível dos Espaços Mentais (EM). Kövecses (2017) conceitua-os como o momento em que os frames são ativados numa determinada situação real de comunicação, ou

seja, os papéis dos frames ganham valores específicos; essa especificidade tem uma forte relação entre o indivíduo e o contexto de comunicação. Pois, a depender do contexto, o indivíduo acionará determinados FR para falar de certo assunto e, noutro contexto, acionará outros.

Apresentado o nosso referencial teórico, passamos à discussão acerca da metodologia que embasou o estudo aqui apresentado.

3. *Metodologia*

Neste trabalho adotamos uma pesquisa de caráter qualitativo, pois essa abordagem de pesquisa:

[...] ressalta a natureza socialmente construída da realidade. Pois, ao conceitualizar um determinado fenômeno, o ser humano aciona as suas experiências; estas estão ligadas às suas percepções sensório-motoras, culturais, políticas e ideológicas. A realidade desse ser que conceptualiza não é dada estaticamente, ela é construída a partir das múltiplas relações que esse sujeito tem com o mundo que constrói e no qual está inserido. (Novais, 2023, p. 88)

Desse modo, com base nos pressupostos expostos, podemos afirmar que realizar uma pesquisa em SC, levando em conta os seus arquipélagos teórico-metodológicos, leva-nos a uma pesquisa interdisciplinar, pois, ao adotarmos uma postura de mente corporificada, não podemos descartar os diversos elementos (sociais, históricos, cognitivos, ideológicos, culturais) que estão interligados nos processos de conceptualização da morte. Pois, ao conceptualizar a morte, o ser humano leva em consideração toda a sua história de vida, as experiências vividas de morte, ritos fúnebres, histórias sobre morte, aspectos religiosos sobre a morte, e modelo(s) cultural(ais) que se tem de morte. E todo esse experiencialismo é articulado no processo de significação da morte.

Ao nos debruçarmos sobre um texto literário, para compreender como o ser humano compreende sua finitude, concordamos com os pressupostos de Lakoff e Turner (1989) que afirmam ser a metáfora presente no texto literário uma operação cognitiva. Pois, o esse tipo de texto é um artefato cultural que reflete aspectos da sociedade em que está inserido.

Assim escolhemos o romance “O quarto fechado”, da escritora Lya Luft, publicado em 1984¹, por ser um texto que nos possibilitou mapear diversas expressões linguísticas que instanciam algumas metáforas conceptuais de morte.

¹ Embora a referida obra tenha sua primeira publicação em 1984, neste trabalho utilizamos a 4ª edição, publicada em 1991.

3.1. Procedimento de coleta

O *corpus* foi constituído da seguinte maneira:

- Leitura completa do romance;
- Identificação das expressões linguísticas que instanciam metáforas conceptuais.
- Identificação das metáforas conceptuais;
- Acionamento dos domínios da experiência acionados como domínio-fonte para compreender o domínio-alvo morte.

Após realizar as coletas, seguimos para o estudo do *corpus* da seguinte maneira: apresentação da metáfora conceptual e, em seguida, tecemos algumas discussões a partir dos níveis esquemáticos presentes na metáfora em estudo.

Apresentada nossa metodologia, passamos ao estudo dos dados coletados. Neste estudo, apresentamos apenas uma das metáforas mapeadas em nosso *corpus*. Pois, pretendemos em estudos posteriores e comparativos, apresentar outras metáforas que foram instanciadas em nossa pesquisa.

4. Estudo do *corpus*: desvendando as metáforas de morte

Apresentamos, aqui, o estudo dos resultados encontrados em nosso *corpus* de estudo.

Quadro 1: MORTE É ORGANISMO VIVO.

Ocorrência	Autora/ano	Excerto textual/página
01	LUFT, 1991	Ele dava os primeiros passos em sua morte, abraçado a ela, que o instruía devagar (p. 13). Quem era sua adversária? Sombras, transparências enganosas, que só fingem deixar-se varar, estão em toda parte e em parte nenhuma. (p.15).
02	LUFT, 1991	Mas agora a morte desferira seu bote, rompera esse círculo ao meio, e ninguém sabia o que seria de Carolina (p. 25).

Fonte: elaboração nossa.

Na referida metáfora conceptual é acionado, para sua compreensão, o domínio experiencial do ORGANISMO VIVO. De modo geral, as ciências biológicas definem um organismo vivo como “[...] um produto natural organizado, no qual todas as partes são ao mesmo tempo finalidade e meio, ou seja, ao mesmo tempo em que as partes contribuem para a organização do todo, também são consequências desse modo de organização”. (Meglhioratti

et al., 2012, p. 8). Ademais um organismo vivo possui o seu ciclo vital, isto é, ele nasce, cresce, reproduz, envelhece e morre. Por isso, os seres humanos, entre outros animais, as plantas, as bactérias, fungos e protozoários, por apresentarem essas características, são chamados de seres vivos.

Podemos perceber o acionamento do organismo vivo, mais especificamente como o ser humano e um animal peçonhento como nos possibilitam as ocorrências 01 e 02. Ao analisarmos os níveis esquemáticos, podemos mapear os seguintes elementos: em relação aos EIs podemos perceber o Esquema de Ligação pois mapeamos parte do domínio-fonte para compreensão do domínio-alvo. Há também o esquema de Trajetória, a expressão linguística “Ele dava os primeiros passos em sua morte, abraçado a ela, que o instrua devagar” nos possibilita perceber que há um processo de movimento, um deslocamento, em que a morte conduz o sujeito morto para um determinado lugar. Há também o esquema de Força, principalmente de força contrária, as expressões “Quem era sua adversária” e “Mas agora a morte desferira seu bote” nos possibilita perceber uma ação de força contrária exercida pela morte no seu alvo. Ou seja, a morte exerce uma força contrária sobre a vida daquele ser que será ceifado.

Em relação ao domínio matriz, temos o organismo vivo. Na ocorrência 01 temos esse organismo vivo mais próximo do ser humano, pois a expressão linguística apresenta itens léxicos como, por exemplo, “abraçado” e “instrua” que são características peculiares e culturais do ser humano que tem hábito em abraçar e a capacidade de instruir alguém a fazer algo. Já a ocorrência 04 nos possibilita acionar o organismo vivo enquanto um animal peçonhento como dito na expressão linguística “Mas agora a morte desferia seu bote”. Essa característica de desferir bote está associada a animais peçonhentos como cobras.

Já no terceiro nível esquemático, ou seja, o nível dos Frames, ambas as ocorrências focam em certo enquadramento do organismo vivo que, nesse caso, é o sistema locomotor. Ele é responsável pelo movimento e se forma pelo sistema esquelético (ossos) e pelo sistema muscular, permitindo-nos a sustentação do corpo, a proteção dos órgãos vitais e, além disso, são essenciais para que desenvolvamos atividades diárias.

Na ocorrência 01, o Frame do sistema locomotor está diretamente ligado à nossa capacidade de nos movimentar de um lugar para outro. A expressão linguística “Ele dava os primeiros passos em sua morte” nos permite perceber que o sujeito está em um processo de deslocamento, se movendo para um determinado lugar ou acontecimento que, nesse caso, está indo ao encontro da morte.

A ocorrência 02 também aciona o Frame do sistema locomotor, pois, ao conceptualizar a morte enquanto um animal que desfere bote, aciona parte desse sistema, no caso a contração de músculos e flexibilidade dos ossos, por exemplo, que impulsionam e dão força ao animal no momento do bote, como no caso das serpentes.

Em seu último nível esquemático, os seja, os Espaços Mentais, temos a elaboração do conteúdo conceptual, acionando os demais níveis para a construção do sentido de morte. Nesse caso, a autora aciona uma questão que é cultural em nossa sociedade que é conceptualizar a morte enquanto um organismo vivo, mais especificamente, personificando-a. Buscamos atribuir características humanas e animais à morte em uma tentativa de melhor compreender como se dá a nossa finitude. No contexto das ocorrências listadas, em 01 vemos a morte enquanto uma pessoa que guia o sujeito que morre para um determinado espaço, local; já na ocorrência dois, temos a morte enquanto um animal peçonhento que, em determinado momento, desfere seu bote e mata a pessoa.

Ademais, compreender a morte, considerando o romance analisado, nos permite uma íntima relação entre a finitude e a ficção. Pois, se “o morrer é apreensível apenas em sua representação, obras que se aplicam em representar a morte são teorias da finitude, são imaginários cognitivos” (Mota, 2014, p. 11). E esse imaginário cognitivo estabelece relação com o pressuposto da Semântica Cognitiva em adotar uma visão experiencialista de mente corporificada, isto é, as metáforas do texto literário não é embelezamento, mas sim reflexo de operações cognitivas que articulam história, sociedade e cultura na construção de determinadas ideias e visões de mundo. E, no caso do nosso estudo, o fazer literário nos possibilitou estudar e refletir sobre como o ser humano conceptualiza seu fim.

5. Considerações finais

O estudo empreendido nos possibilitou comprovar o quanto a metáfora conceptual nos permite conceptualizar os mais diversos fenômenos. Neste trabalho, foi possível perceber diversas maneiras de como a morte foi conceptualizada no texto literário, possibilitando-nos compreendê-la em termos de ORGANISMO VIVO, mais especificamente enquanto uma pessoa e, também, um animal peçonhento.

Abordar a teoria da visão multinível da metáfora conceptual (Kövecses, 2020) foi fundamental para a compreensão dos dados encontrados no corpus de pesquisa, pois, ao estudarmos as MC e refletirmos sobre como os 4 níveis esquemáticos se articulam no processamento metafórico,

conseguimos estabelecer a relação entre os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais envolvidos no processo de conceptualização da morte.

Ademais, considerando a capacidade criativa do ser humano, como também as diversas mudanças pelas quais passam a sociedade e a humanidade, as discussões acerca de como o ser humano conceptualiza a sua finitude não se esgotam aqui. Pelo contrário, esse estudo desperta ainda mais o interesse em aprofundar outras investigações acerca da conceptualização da morte nos mais variados gêneros textuais, em busca de reunir o máximo de informações possíveis acerca de como nós, humanos, conceptualizamos a morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Puta é palavrão? Sim e não: um estudo sobre a variação categorial à luz da sociolinguística cognitiva. In: ____ (Org.). *A categorização em Linguística cognitiva: organizando conhecimentos*. Salvador: EDUFBA, 2022.

BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A morte e o culto aos ancestrais na religiões afro-brasileiras. *Último andar – Cadernos de Pesquisa em Ciência da Religião*, n. 19, p. 45-52, 2º semestre, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga Prado. São Paulo: Paulus, 1991.

BECKER, Ernest. *A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*. Trad. Luiz Carlos do Nascimento. Rio de Janeiro: Record, 2020.

KÖVECSES, Zoltán. *Extending conceptual metaphor theory*. Cambridge: Cambridge University press, 2020. p. 50-92

_____. Levels of metaphor. *Cognitive linguistics*, n. 28, v. 2, p. 321-47, Amsterdam, 2017.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University Chicago Press, 1989.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de La vida cotidiana*. 2. ed. Disponível em: <https://www.textosenlinea.com.ar/academicos/Lakoff%20y%20Johnson%20-%20Metaforas%20de%20la%20vida%20cotidiana%20-%20Seleccion%20de%20Caps.pdf>. Acesso em 20/10/2025, às 08h30min.

LAKOFF, George. *Woman, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n.2, p. 108-22, maio./ago. 2010.

LUFT, Lya. *O quarto fechado*. 4. ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

MOTA, Marcus. *Imaginação e morte: estudos sobre a representação da finitude*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

NOVAIS, Urandi Rosa. *A epidemia de HIV/AIDS no Brasil: um estudo semântico cognitivo sócio-histórico-cultural da conceptualização da morte no século XX*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2023. 193f.

TEIXEIRA, José. Metáforas da vida co(t)vidiana. *Estudos Linguísticos e literários*. Ed. Especial, n. 69, Salvador, p. 21-51, 2020.